

# Fracassar Não É o Fim

(Marcos 6:1-13)

Joe Schubert

Todos nós já sentimos a angústia de fracassar e desejamos que fosse possível ter pelo menos uma segunda oportunidade. Uma boa análise posterior dos fatos nos faz ver claramente como poderíamos agir de maneira diferente, se pudéssemos reviver aquela mesma situação. O fracasso é um assunto em que cada um de nós é um perito.

Fracassamos de várias maneiras. Temos elevadas expectativas em relação a nós mesmos e, geralmente, deixamos de concretizar essas expectativas. Nosso desempenho em aproveitar as oportunidades geralmente está longe de ser como gostaríamos que fosse. Mas é no relacionamento com as outras pessoas que, certamente, percebemos os nossos maiores e mais penosos fracassos.

Você já acordou no meio da noite recapitulando algo que você disse ou fez a alguém, desejando poder mudar a sua atitude? É surpreendente como a percepção é nítida às quatro horas da manhã.

Presumo que cada um de nós tenhamos uma lista de pessoas com quem sentimos que falhamos ou fracassamos em algum tipo de relacionamento. Todos nós fizemos coisas lamentáveis a pessoas e gostaríamos de poder voltar atrás e desfazer esses erros graves.

Mas, acima de tudo, conhecemos de perto o fracasso quando ele chega ao campo da nossa fé. Não estamos pensando nos pequenos pecados que todos nós conhecemos tão bem, mas no ato de reconhecer mais profundamente que não estamos vivendo da maneira como Deus planejou que vivêssemos. O que, então, podemos fazer em relação ao fracasso espiritual?

Em Marcos 6, temos o registro de um dos fracassos de Jesus. Ele tem muito a nos dizer.

## RECONHECER O FRACASSO (6:1-5)

Quando Jesus foi a Nazaré, a cidade onde Ele viveu, Ele queria que Seus vizinhos e amigos experimentassem o que os habitantes de outras localidades estavam descobrindo. O poder de curar, perdoar e restaurar a esperança que havia sido

demonstrado tão claramente em outros lugares precisava ser mostrado na Sua cidade de Nazaré. Mas, apesar disso, Jesus fracassou. A maneira como Jesus reagiu a esse fracasso evidente e inconfundível em Sua própria cidade de Nazaré e o que Ele disse posteriormente aos discípulos sobre como lidar com os próprios fracassos nos oferecem grande ajuda para lidarmos com os nossos próprios fracassos.

Marcos diz:

Tendo Jesus partido dali, foi para a sua terra, e os seus discípulos o acompanharam. Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se maravilhavam, dizendo: Donde vêm a estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa. Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos (vv. 1-5).

Quando Jesus foi a Nazaré, Ele mesmo Se colocou à prova, a uma severa prova. Ele estava indo para o lugar onde havia crescido. Ninguém tinha críticas mais severas do que aqueles que O conheciam desde a infância. Aquela visita não tinha a intenção de ser uma visita particular para rever a velha moradia e os velhos amigos. Jesus voltou a Nazaré acompanhado de Seus discípulos. Em outras palavras, Ele chegou ali como um rabino. Naqueles dias, era típico um professor ou rabino judeu peregrinar de um lugar para outro acompanhado de discípulos. Jesus foi a Nazaré, diz Marcos explicitamente, acompanhado de Seus discípulos. Ele chegou como um professor para ensinar o povo de Nazaré.

A Bíblia diz que Ele entrou na sinagoga e ensinou. Seu ensino foi recebido com certo desprezo. Marcos diz: “E ficavam escandalizados

por causa dele” (NVI). Ficaram escandalizados por um homem com a formação de Jesus falar e fazer o que Ele falava e fazia. A familiaridade, de fato, provocou o desprezo. Eles se recusaram a ouvir o que Ele dizia e a única reação que tiveram foi perguntar: “Não é este o carpinteiro?”

A palavra grega equivalente a “carpinteiro” é *tehton*. Significa artífice, artesão. É a palavra de onde vem o termo português *técnico*. No mundo antigo todo vilarejo e aldeia tinha um artífice, um técnico, um carpinteiro, um *tehton* que fazia todo tipo de trabalho em madeira para as pessoas da cidade. Ele era capaz de construir qualquer coisa desde um galinheiro até uma casa. Ele era o tipo de homem a quem se pedia para levantar uma parede, consertar um portão ou um telhado. Ele era um artesão, um faz-tudo, que, com as ferramentas mais simples, era capaz de realizar quase qualquer trabalho. Esse era o tipo de homem que Jesus era em Nazaré.

As pessoas indagavam: “Não é este o carpinteiro?” Devem ter pensado: “Ué! Eu me lembro que Ele fez a mesa onde nós comemos em casa. Eu lembro que enquanto ele nos ajudava a construir o telhado, nós lhe dávamos o almoço. Ele se sentava à mesa com a gente. As irmãs e os irmãos dele moram aqui. São gente daqui. Conheço a família toda”. Eles fizeram o inacreditável. Recorreram a um último subterfúgio. Ridicularizaram Jesus. Ficaram escandalizados com Ele. Desconsideraram tudo o que Ele fizera e dissera afirmando: “Ele não pode ser ninguém grandioso. Sabemos de onde Ele veio. Conhecemos a base que Ele teve. Conhecemos a família dEle. Ele é um de nós”.

Pense por um instante no que isto tem a dizer sobre a auto-imagem que o povo nazareno possuía. “Ele não pode ser ninguém grandioso. Ele é um de nós.” A auto-imagem ruim os levava a menosprezar qualquer um que viesse da cidade deles. Jesus era um homem do povo, um carpinteiro, um homem simples; por isso eles O desprezaram.

Por conta disso, Marcos diz que Jesus pôde realizar pouquíssimos milagres em Nazaré. A atmosfera era simplesmente imprópria. Alguns grandes feitos simplesmente não podem ser realizados quando a atmosfera é imprópria. Jesus só conseguiu curar alguns doentes em Nazaré e somente alguns creram nEle.

### **ENFRENTAR O FRACASSO (6:6–10)**

Marcos registra na primeira parte do versículo 6: “Admirou-se da incredulidade deles”. O verbo dessa frase tem uma força semântica notável e só ocorre aqui no Novo Testamento. É

usado para descrever a amarga decepção diante do que aconteceu em Nazaré. Aqui nos deparamos com o Jesus totalmente humano, cujos pés estavam firmemente plantados na terra, ao ponto de encontrar-Se incapacitado de fazer a obra que Ele esperava ser capaz de realizar. Jesus não andava com a cabeça nas nuvens. Ele andava com os pés firmemente plantados no chão. Ele experimentou todo tipo de decepção, frustração, contrariedade, como um homem de verdade vivendo entre os mortais.

Uma das declarações mais esclarecedoras em todo o Novo Testamento a respeito da total humanidade de Jesus encontra-se em Hebreus 2:14. Essa passagem contradiz uma das mais antigas heresias da igreja primitiva, a heresia denominada pelos eruditos da igreja de docetismo. O ensinamento básico dessa heresia era que Jesus não era verdadeira e totalmente humano. Ele só parecia ou aparentava ser humano. Era como se Ele estivesse atuando como uma pessoa. O escritor de Hebreus declara vigorosamente que tal doutrina jamais pode ser verdadeira. Ele diz em Hebreus 2:14: “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou...” Os versículos 17 e 18 dizem: “Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos... Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados”.

A profunda decepção que Jesus experimentou por causa da rejeição em Nazaré fazia parte de Sua autêntica humanidade e doeu-Lhe o coração, mas ela não Lhe roubou o ânimo. Jesus superou a decepção com facilidade. Ele não rejeitou Seus velhos amigos, embora estes O rejeitassem. De fato, Jesus interpretou aquela rejeição como uma reação total e compreensivelmente humana. Disse Ele no versículo 4: “Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa”. Jesus estava dizendo: “Essa é uma reação tipicamente humana. Eu deveria esperar por isso. O críticos mais acirrados de um homem são os de sua própria terra que melhor o conhecem”. Jesus admirou-Se com a incredulidade deles, mas não Se deixou intimidar por ela.

A rejeição em Nazaré, ainda que dolorosa, não deteve Jesus em Sua missão. Ocorreu nessa conjuntura uma alteração que afetou todo o ministério de Jesus. Até aquele momento, a locação básica do ministério de Jesus havia sido as sinagogas. Marcos 1 nos relata que Ele curou o endemoninhado na sinagoga. Esse capítulo também nos diz que a primeira viagem de pregação de Jesus foi entre as sinagogas da

Galiléia. Em Marcos 3 foi na sinagoga de Cafarnaum que Ele curou o paralítico no dia de sábado, gerando tumulto entre os líderes judeus, o que por sua vez desencadeou a animosidade deles para com Ele. Em Marcos 5 foi a filha de Jairo, chefe da sinagoga, a quem Jesus devolveu a vida. Mas essa rejeição na sinagoga de Nazaré assinala a última vez em todos os relatos evangélicos que encontramos Jesus ensinando numa sinagoga. A porta que se fechou em Nazaré aparentemente fez Jesus decidir sair da sinagoga e ir até onde as pessoas ouviriam — as encostas, a beira do mar, os vilarejos. A última parte do versículo 6 diz: “Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar”.

O fracasso em Nazaré também sinaliza o começo das viagens missionárias dos apóstolos. O registro bíblico diz que Jesus os enviou de dois em dois para multiplicarem o Seu ministério. Marcos diz no versículo 7: “Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos”. A passagem paralela em Mateus 10 até nos diz como os apóstolos formaram as duplas. Mateus diz, por exemplo, que André foi com Pedro, seu irmão; Tiago foi com João, seu irmão, e Mateus e Tomé foram juntos. Sempre lamento por Simão, o zelote, ter tido como parceiro ninguém mais do que Judas Iscariotes. Jesus os dividiu em duplas e os enviou a pregar, dando-lhes instruções definidas. Marcos registra essas instruções nos seguintes termos:

Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas (vv. 8, 9).

Jesus estava dizendo: “Não preparem nada para essa viagem. Não quero que levem comida nem dinheiro com vocês. Deus proverá. Vão e confiem em Deus. Deus cuidará de todas as necessidades que vocês tiverem”. Jesus os enviou dessa maneira com a intenção de ensinar-lhes uma lição de fé.

A seguir, Jesus acrescenta no versículo 10: “Quando entrardes nalguma casa, permaneci aí até vos retirardes do lugar”. Essa instrução condizia com a prática geral daqueles dias. A hospitalidade era considerada extremamente importante naqueles países orientais. Qualquer estrangeiro que entrasse numa cidade podia esperar por hospedagem entre os cidadãos hospitaleiros daquele vilarejo em particular.

O Senhor esclarece nessas instruções que aquela era uma prescrição temporária para um grupo específico de homens e, como tal, não se tratava de um princípio eterno para seguirmos hoje. Há, porém, um princípio eterno implícito

nessas palavras, um princípio relevante para todas as gerações; a saber, que qualquer servo que sai para ministrar no nome de Jesus precisa depender de Deus. Não devemos nos esquecer de que é Deus quem abre as portas, programa a viagem, faz surgir as oportunidades e supre as necessidades. É de Deus que temos de depender, e não dos nossos planos, métodos ou organizações humanas. Esta é a lição que Jesus estava ensinando aos discípulos. Tudo leva a crer que eles a aprenderam muito bem.

### USAR O FRACASSO (6:11–13)

Sentindo o próprio fracasso tinindo em Seu coração, Jesus apresentou aos apóstolos uma maneira de encararem os seus fracassos. Nazaré havia cerrado bruscamente a porta para Jesus. Ele sabia que os discípulos também seriam rejeitados em suas viagens de pregação. Eles precisavam saber como lidar com esse tipo de fracasso.

O versículo 11 é estranho, quase enigmático. Disse Jesus: “Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles”. Quase tentamos evitar esse versículo e o vemos de certa forma inconsistente com a natureza compassiva e bondosa de Jesus. Ele parece ser tão rígido e condenatório com essas pessoas. Mas há mais no versículo do que temos visto. Na verdade, ele contém uma fórmula para enfrentar o fracasso, que pode nos tornar comunicadores mais graciosos a todos com quem interagimos. Vejamos esse versículo com cuidado.

Entender o pano de fundo dessa afirmação é de grande utilidade. As leis rabínicas diziam que o pó ou a terra de um país gentio ou pagão era contaminada e que um judeu, caminhando de volta à sua terra natal depois de ter estado num país pagão, deveria purificar-se de todas as partículas impuras de pó ou terra que pudessem estar sobre os seus sapatos ou vestimentas. Um judeu piedoso também arrancava com os dedos cada partícula de pó ou terra de si antes de adentrar o templo ou a sinagoga para adorar. Essas práticas certamente são o pano de fundo com base no qual devemos entender as instruções de Jesus aos apóstolos.

As instruções de Jesus são mais úteis a nós do que normalmente reconhecemos. Antes de entendermos o que a afirmação do Mestre realmente significa, precisamos entender brevemente o que ela não significa.

Jesus não disse que está tudo bem se simplesmente desistirmos quando a jornada estiver difícil. Ele não disse que temos o direito de romper relações com pessoas que romperam conosco. Se acontecer de existirem pessoas que

não gostam de nós, pode ser que a razão disso seja a maneira como nos relacionamos com elas. A porta fechada pode ser devida à nossa falta de tato para conversar. Talvez mereçamos uma segunda, terceira e quarta oportunidade.

O que Marcos 6:11 quer mesmo dizer é que *devemos prosseguir apesar do fracasso*. Quando nos deparamos com decepções, não devemos nos sentir arruinados. Devemos simplesmente encerrar aquele capítulo e virar a página para o novo capítulo que Deus proverá. Jesus não Se sentiu ameaçado pelas rejeições que sofreu — decepcionado, sim, ameaçado e derrotado, não. Jesus nunca hesitou em aceitar “não” como resposta. “Não” pelo menos é uma resposta. Quando Jesus recebeu essa resposta, Ele se dispôs a aceitá-la.

O Mestre virou-Se para os discípulos e disse: “Se alguma aldeia aonde vocês forem se recusar a recebê-los, saiam de lá. Vão para outra aldeia, onde Deus tem outras oportunidades reservadas para vocês. Não se deixem deter pelo fracasso. Prossigam até a próxima oportunidade, mais dependentes de Deus do que antes”. Os discípulos devem ter entendido bem essa instrução porque os versículos 12 e 13 registram o seguinte: “Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungiendo-os com óleo”.

Hoje, falamos de missões evangelísticas e missões médicas como se fossem de alguma forma trabalhos separados. Mas o Novo Testamento não faz essa distinção. Marcos registra que à medida que os apóstolos iam, eles pregavam, expulsavam demônios, ungiam doentes com óleo e os curavam.

No mundo antigo, o óleo era considerado como uma panacéia para a cura de quase qualquer coisa que afligisse um indivíduo. Galeno, o grande médico grego, disse: “O óleo é o melhor dos instrumentos para se curar corpos enfermos”. Nas mãos dos discípulos de Jesus, as antigas curas ganharam uma nova beleza. Os discípulos usaram o tipo de conhecimento limitado que as pessoas daquela época tinham, até mesmo ungi-los os doentes com óleo, e através de suas mãos e de sua atitude, deram a esse simples ato um novo poder e beleza. Estavam mostrando a misericórdia de Deus por meio de curas e unção com óleo, enquanto anunciavam a mensagem de Deus. Não há nenhuma implicação nessa passagem de que a unção com óleo tivesse algo a ver com a presença do Espírito Santo. O Espírito Santo ainda não era um assunto muito discutido entre Jesus e os apóstolos. O fato é que eles utilizavam procedimentos médicos simples, ungiendo com óleo assim como

tomamos um remédio prescrito numa receita hoje, e curavam as pessoas enquanto pregavam.

A primeira lição que podemos aprender com a fórmula de Jesus para lidar com o fracasso nesta passagem é: não pare por causa do fracasso. Não permita que o fracasso o impeça de seguir adiante.

Uma segunda coisa que podemos aprender com a estratégia de Jesus diante do fracasso é esta: Não queira ser Deus. Geralmente insistimos em tentar conduzir sozinhos as nossas vidas e a de outras pessoas. Acreditando nisso, interpretamos o fracasso como algo que não ocorreu como havíamos programado ou planejado. Muitos de nós continuamos trabalhando com uma pessoa depois de fracassarmos. Acreditamos que se não dissermos o que precisa ser dito, de certo modo aquilo nunca será dito. Mas o Senhor diz: “Sacudam o pó dos pés. Prossigam até a próxima oportunidade. Deixem o passado comigo”.

Os discípulos encontraram dificuldade para aprender essa lição, e nós também. Eles insistiam em fazer o que haviam decidido fazer e nós fazemos o mesmo. Quantas vezes bato numa porta que está fechada? O Senhor diz: “Joe, venha por aqui. Tenho uma outra oportunidade para você. Tenho um outro capítulo já aberto para você. Preciso de você bem aqui”.

É tão difícil não teimar com Deus, não é? Muitos de nossos fracassos ocorrem porque somos relutantes em confiar que Deus continuará operando onde fracassamos. Deus, porém, ainda está no controle, e Deus sabe como lidar com os nossos fracassos.

## CONCLUSÃO

Olhe para os seus pés. Tem algum pó neles? O pó dos fracassos do passado? O pó da ineficácia? O pó dos planos não concluídos? O pó do trabalho mal feito, mal conduzido, ineficaz? Sacuda isto dos seus pés! Deixe o passado para Deus. Ele sabe como lidar com ele e o fará muito bem.

O apóstolo Paulo aprendeu esta lição. É por isso que ele pôde escrever aos filipenses: “Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:13, 14).

Fracassar não é o fim. O passado não precisa ditar o que deve acontecer no futuro. O que quer que tenha acontecido no passado na sua ou na minha vida, Deus sabe como lidar com isso. Sacuda o pó dos seus pés. Vá com Deus aonde ele quer que você esteja agora. ✦